

O meu pacto com o Demónio

A TE' à célebre manhã em que falei com o demónio, existiu sempre, colocado numa das paredes do meu quarto, o quadro de Faugeron a representar a verdade—uma mulher escultural, bela, alucinante. Essa figura, nua, de alvura voluptuosa, embriagante, como surgindo da gruta da inocência, ostentava na mão direita um espelho, ao qual a humanidade, composta por ricos e pobres, senhoras e escravos, sábios e boçais, uma salxada, enfim, de loucos, desgraçados e perversos de tôdas as classes, não podia mirar-se; e essa turba, em roldão e massa, fugia, á pressa, assustada e espavorida, como se a seus olhos se houvesse deparado a figura de Radamanto ou aos ouvidos lhe chegasse a soada de alguma nénia.

Apenas, junto dessa imagem mirífica, se via uma criança, o único ser humano que conseguia fixar o espelho, cujo brilho a não perturbava. Simbolizava o quadro a Verdade. Tôdas as manhãs ao acordar e tôdas as noites ao deitar-me o contemplava e considerava por largos momentos. E, naturalmente, em virtude dessa assídua e sempre prolongada observação, tôdas as noites eu sonhava com a verdade, vendo-a, então, sob diferentes aspectos. A's vezes, via-a de aparência sacerdotal; em outras feitas, surgia-me como sendo a Diana caçadora, mas apresentando grandes e horrorosas mutilações. Certa noite tive mesmo a ilusão de ver a verdade sob o simbólico aspecto duma Tisífone a devorar almas que semelhavam morcegos, resultando ficar essa imagem depois reduzida a uma Bevan, repugnante pela sua fealdade e estupidez.

Dois sonhos me ficaram memorados e sempre me causam forte emoção ao lembrá-los.

Eis o primeiro desses sonhos.

Achava-me num jardim bem-acondicionado e rodeava-me um mundo vasto em florido e multicolorido. Existiam nesse jardim lílizeas, lírios, narcisos, orquídeas, abelhas, muscarris, rosas, tudo isso formando uma surperabundância de flores de tonalidades várias, trescalando fragâncias redolentes. Ressoavam, nessa hora de expansão, de luz e alacriade, vibrações de sinfonia vespéral, dando o jardim a impressão de ser um lugar paradisiaco. Encontrava-me deitado sobre o relvado macio e embevecia-me na contemplação desse mundo viridente e colorido de perspectivas, onde a luz era difusa. Respirava-se ali uma grande tranquillidade. Como estivesse completamente nú, banhavam-me o corpo os mil aromas despendidos da vegetação. Permaneci longas horas deitado sobre a relva. Por fim, quebrado o meu êxtasi, pelo esvoaçar de andorinhas, abandonei a minha anterior posição e sentei-me no relvado, com o propósito de fazer um fato de folhas dum pilriteiro que estava a meu lado. Arrancava as primeiras folhas, quando

surgiu um cortejo de Ninfas, nuas, formosas, de nobres curvas, provocando sensualidade.

Tôdas traziam nos braços uma veste formada por lindas e variegadas flôres desse jardim cheio de beleza.

A vestimenta duma era formada de nígelas e acónticos, a das outras, de trevos, de anémons,

CONTO DE SÉRGIO AUGUSTO VIEIRA

fôlhas pinuladas de acácia, begónias e ainda de papoílhas e flôres de gerânio, tendo algumas dessas vestes cercaduras de angélicas. E se os vestidos das ninfas eram originaes pela sua textura botânica, não eram menos originaes os seus modelos e feitos.

As ninfas, formando á minha volta um lindo círculo, oferecendo-me o vestido que sobraçavam, disseram-me:

—Veste-te. Eis o que te convém por ser a verdade.

Aquela inopinada aparição edénica perturbou-me por momentos. Só, afinal, instado pelas formosas ninfas, eu compreendi o motivo da aparição. Recusei a dádiva, dizendo que desejava compôr, por minhas próprias mãos, um modesto vestido de fôlhas de pilriteiro. As ninfas, deixando, então, ir sobre mim pétalas das flores dos vestidos, afastaram-se lentamente. A' medida que se distanciavam, a luz dessa tarde fenecia e, quando elas desapareceram, fiquei mergulhado na mais completa escuridão.

Acordei nesta altura do sonho. O segundo a que me quero referir foi o seguinte.

Eu era o mais extraordinário famulento de saber. Tendo morrido um grande sábio, herdei a sua valiosa biblioteca para continuar na investigação da Verdade, trabalho onde êle havia consumido a sua vitalidade e perdido a vida. A morte do homem foi uma excessiva alegria para mim, porque sendo eu aspiracionista ao saber e á verdade e ficando possuidor desse grande armazem de livros, poderia tornar-me um sábio e beberia ciência, a transbordar, dos cartapácios e infólios monstros, que enriqueciam a livreria de que eu ficava universal herdeiro. Encher-me-lia de erudição! E por que não ser assim, se, pois a erudição é um licôr, que se pode beber em tô-

das as doses como qualquer outra bebida?!—pensava eu.

E persuadido de poder alcançar transcendentos conhecimentos, que me levassem a descobrir a verdade, passei a viver anos consecutivos nesse cenotáfio. Submeti-me, pois, ao mais árduo trabalho, tentando compreender tudo quanto

grandes génios haviam dito e escrito. Dessa forma, durante o tempo que permaneci enclausurado a respirar o ar poeirento, tábido e ebriático dos alfarrábios, não mais saí da grande biblioteca. Comia dormia junto dos livros, a fim de não perder qualquer minuto indispensável ao meu trabalho. Na ânsia da dilucidação das teorias dos outros, afim de construir o templo architectado pela minha imaginação, experimentei as mais variadas metamorfoses, até chegar á mais profunda acatalepsia.

Fui adepto fervoroso do politeísmo, adorando as virtudes e os vícios dos homens, o fogo e os astros, as plantas e os animais e até objectos inanimados; do animismo, tentando explicar os fenómenos da vida somente pela influência da alma sobre os corpos inertes; do antropomorfismo, atribuindo faculdades humanas á divindade; ruminei, com Gassendi, as doutrinas de Demócrito e Epicuro; como Abelardo, defendi o conceptualismo; pensei como Manicheus, sendo, por isso, dualista; aprovei o gnosticismo, que durante tempo me fez viver entonadamente como se eu houvesse criado fantoches; como Pitágoras e Leibnitz formei um novo monadismo; Locke, com o seu nominalismo, repercutiu-se por alguns meses em mim; Malebranche e ainda Leibnitz que me fizeram sentir o calor do otimismo, foram esquecidos depressa ao ler Voltaire; depois de ter sido tentado também pelo ateísmo e continuando ainda a sentir-me dogmático e desejoso de construir uma nova cosmogonia para oferecê-la ao mundo, comecei por preparar um sincretismo novo, mas para isso tive de roubar elementos aos diversos sistemas teorias, hipóteses, escolas, desde a cirenaica de Aristipo, do realismo scotista, do senso-comum de Reid, das meditações de Keyserling, do unilateralismo de Freud, do relativismo de Einstein ao intuícionismo doentio de Bergson.

Fazendo, porém, a recompilação de tudo quanto eu havia estudado e tinha sabido roubar aos outros, concluí, a posteriori, que a minha

nova filosofia baseava-se, afinal, num nihilismo profundo e num probabilismo insípido.

Durante os anos gastos por mim a ruminar, a criticar, a copiar e a construir sistemas e regras, crente de conquistar a verdade, para a impôr aos outros, exteriorizei também, por estranhas expressões mimicas, a minha metamorfose. Os anos correram rápidos. Envelheci depressa. O trabalho foi o mais árduo que pode imaginar-se. Só de notas, reflexões e apontamentos vários enchi completas resmas de papel.

Certo dia, sentindo-me algo cansado do labor insano a que me submetera, cheguei á janela para admirar o sol. Na rua, junto da janela, vi um alegre grupo de crianças, que jogavam a cebra-cega. A que tinha os olhos vendados corria o círculo formado pelas outras crianças, que se lhe esquivavam lestantemente á perseguição. Em dada altura tendo alcançado uma delas gritou:

—E' a Verdade! supondo tratar-se, efectivamente, da companheira que tinha esse nome.

A' sua exclamação responderam-lhe as outras petizas com uma sonora gargalhada, visto que se tinha enganado.

Este acontecimento deu-me que pensar. Vivi, então, rápidos momentos retrospectivos. Quis encontrar a Verdade, gastando, para isso, anos da minha vida. Havia compulsado, meditando profundamente, os monumentos da sabedoria humana. Tinha repletado de notas grossos cadernos que se empilhavam na biblioteca, onde me havia estiolado durante anos, sem ter finalmente conseguido o objectivo do meu ideal, pois fracassei como aquela criança dos olhos vendados, não podendo ver o que procurava. Pensei, então, que o meu designio mais não merecia do que justiceira galhofa. Para desfazer o ridículo em que caí, o meu amor-próprio levou-me a lançar mão dum pretexto salvador da minha falsa postura. Tinha de arranjar uma desculpa e essa foi a de chamar enigma a tudo, estribilho usado por todos para explicar o que não tem explicação, forma comum de nos livrarmos de embaraços, não descendo da nossa filáucia.

Resolvi abandonar a biblioteca e vir para o ar livre gozar a amplitude da vida, que eu condenei enquanto permaneci entre os livros. Aproximando-me dum espelho, não pude deixar de lastimar-me pelo que havia envelhecido. Tinha o rosto transfigurado por sulcos profundíssimos e os cabelos haviam branquejado completamente. Apossou-se, nesse momento, de mim um desespero enorme e comecei, como possesso, a rasgar os cadernos de apontamentos e a destruir os livros que tinha á mão. Acordei nesta altura do sonho.

(Concluí no próximo número)